

## O ESAZIAMENTO DO MÉTODO: UM ESTUDO CRÍTICO DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Zilah Cândida Azevedo Farias  
 Prof. Titular do  
 Dep. de Letras e Artes

**RESUMO** - *Após vinte anos de atividade de ensino de Língua Portuguesa, em nosso âmbito universitário, avaliamos os modelos lingüísticos por nós utilizados na prática de ensino e concluímos que estes muito se distanciam do conhecimento da língua como um fenômeno dinâmico: fazendo-se, transformando-se, no contexto sócio-cultural brasileiro. Apontamos soluções que, acreditamos, sejam satisfatórias para solução dos impasses metodológicos, no conhecimento da língua portuguesa. São, também, essas soluções, esboço de caminhos para atividade da lingüística num país de Terceiro Mundo.*

**ABSTRACT** - *After twenty years of Portuguese teaching in our university environment, we have made an evaluation of the linguistic patterns we have applied, and we concluded that they are far from the knowledge of language as a dynamic phenomenon; that is, constructing and transforming itself in the Brazilian socio-cultural context.*

*We have indicated solutions that, in our view, are satisfactory to solve the methodological difficulty in the learning of portuguese language. The solutions that we present are also the outline of the ways for the activity of Linguistics in a Third World Country.*

Pretendemos refletir sobre o produto da utilização de métodos estruturalistas no ensino-aprendizado de Língua Portuguesa, Curso de Letras, em nosso âmbito universitário.

Desde fins da década de 60, com a explosão estruturalista no país, através de traduções fartas de trabalhos sobre o assunto e com as publicações dos manuais de estudo de Joaquim Mattoso Câmara Júnior, até os nossos dias, vinte anos, portanto, a formação de nossos professores de Língua Portuguesa se pauta por modelos lingüísticos estruturalistas e gerativos.

Em nenhum momento, relacionou-se a atividade estruturalista ao sucesso ou ao fracasso do ensino-aprendizado de Língua Portuguesa, em nosso curso de Letras.

A atividade estruturalista é um ponto de vista epistemológico com o qual a análise e a classificação dos fatos da língua se fazem não somente "a priori, numa visão romântica ou idealista, mas, também, ao mesmo tempo, a posteriori, assumindo uma visão empírica, comprovando os fatos pela experiência."<sup>1</sup>

Essa atividade implica uma diversificação em correntes e tendências desde o Círculo Lingüístico de Praga, fundado em 1926, até os dias correntes. É uma ati-

dade epistemológica mais antiga que o Círculo, presente de forma embrionária nas Escolas de Escribas do Egito e Mesopotâmia no IV milênio, antes de Cristo, na Índia de Pânini e na Grécia, Aristóteles e Platão.<sup>2</sup>

Não houve por gramáticos latinos e medievais contribuições expressivas às atividades estruturalistas. Apenas, aqueles que se preocuparam com o uso da língua, com o estabelecer normas de bem falar e bem escrever, com certo interesse pela Dialektologia, aprofundado mais tarde pelos gramáticos renascentistas que dão início à gramática comparada.

O Século XVII contribuiu com a *Grammaire Générale e Raisonnée* de Port Royal, em 1660, inspirada nos postulados cartesianos, ainda que René Descartes,<sup>3</sup> - Cartesius -, não tenha construído teoria da linguagem. A escola dos lógicos de Port Royal erige uma nova orientação dos estudos lingüísticos com a introdução da dúvida metódica cartesiana - análise e síntese - as operações mentais da atividade estruturalista, que levam à recomposição do objeto lingüístico. É na gramática filosófica de Port Royal que se inspira, hoje, a gramática gerativa, sendo seu maior representante Noam Chomsky, que abandona a descrição clássica estrutural taxonômica - que segmenta e classifica os elementos lingüísticos - em favor da investigação dos processos e regras de criação lingüística e da produção gramatical de frases.

Nos fins do Século XIX, com Dwight Whitney<sup>4</sup> (1827-1894), na América, e no início desse século com Ferdinand de Saussure, - um estruturalista, mesmo antes da criação do termo - instala-se definitivamente o estruturalismo em lingüística. E, sob o rótulo de estruturalismo, considerando a língua uma estrutura, ou seja, um conjunto de elementos interdependentes, se agrupam as correntes lingüísticas européias e americanas.

O estruturalismo é o status científico da lingüística moderna, sendo impossível ao comum dos professores de línguas, no nível superior do ensino de Língua Portuguesa, não utilizar atividades estruturalistas, quer sob a influência de Saussure e congêneres quer sob os postulados gerativistas.

Afirmam-se, entre o fim do Século XIX e o início do Século XX, as idéias lingüísticas e estruturalistas, como reação à gramática descritiva tradicional, herdeira da gramática greco-latina, porquanto tornava-se premente ao espírito científico positivista da época a sistematização e a precisão de conceitos sob critérios explícitos e formais, face às incoerências de conceitos e de critérios de classificação da gramática tradicional.

Na filosofia do século XIX, começam a predominar as idéias positivistas de Augusto Comte,<sup>5</sup> ou a busca dos fenômenos observáveis, desligados das suas causas, mas pertinentes às suas leis, isto é, às constantes relações entre estes. Esse princípio filosófico funda a moderna sociologia, em que Ferdinand de Saussure vai buscar, através do sociólogo francês Emile Durkheim,<sup>6</sup> as bases para a reconstrução da lingüística contemporânea que, fundada no espírito positivo, abandona o estudo histórico da língua.

Saussure considera a língua um "produto social de faculdade da linguagem e ao mesmo tempo um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo

social para permitir o exercício dessa faculdade dos indivíduos". ( p.17 ). Saussure contrapõe a 'língua' (langue), fato social à 'fala' (parole) parte psíquica, lado executor da linguagem, inteiramente individual e infinitamente múltiplo em pormenores impossíveis de serem abarcados em sua totalidade. A 'língua' é um fato social, porque é o resultado da 'fala' ou seja, execução da linguagem pelos indivíduos, utilizadores singulares do código.

No curso de *Linguística Geral*, o social da linguagem é a abstração idealizada de um código não transgredido. O 'código' a 'língua', é um sistema de valores relativos que só pode ser compreendido pela ciência sob o ponto de vista funcional. Contudo, Saussure não tirou dessa constatação todas as consequências e não entendeu que a dinâmica do sistema de uma língua, isto é, a mudança de uma norma, deve ser considerada, como, de resto, o sistema estático, do ponto de vista teleológico. Essa a razão por que o novo método não encontrou aplicação no campo da *linguística histórica*, embora os linguistas de Praga tivessem pesquisas diacrônicas. Também há necessidade de manipulação dos fatos observáveis, em face à limitação da análise estrutural, descrição e classificação de fenômenos - fundamentais ao princípio saussureano da predominância do estudo da 'língua' (langue) sobre o da fala (parole), ou seja, o sistema convencional - abstrato das interferências e correlações do social sobre o individual, psicofísico.

O positivismo estruturalista compreende que as mudanças linguísticas têm caráter inconsciente. Por isso, para linguistas positivistas, a mudança parece não ter uma ação transformadora, ou teleológica, porquanto esta ação na língua é algo diverso da intenção subjetiva do indivíduo. Há ampla resistência da inércia coletiva a toda renovação linguística, parecendo predominar o sistema sobre a variação. Este fato cria a ilusão dialética de um imobilismo linguístico e da impossibilidade de o falante agir conscientemente na transformação linguística.

Toda mudança linguística aparece como transgressão inconsciente, coibida inicialmente pelo corpo social como um todo ou pelas classes mais escolarizadas, conhecedoras da gramática tradicional, conservadora de regras de bem falar e escrever, maioria das vezes um corolário já ultrapassado da língua. Da coerção social exercida resulta a concorrência de formas variantes e, posteriormente, a substituição daquela que era pertinente ao sistema pela mais nova. Enquanto são concorrentes a forma dita padrão e a variante, há conflito de escolha destas pelo falante escolarizado. Este freqüentemente interroga: "O que devo dizer: Ele tinha pegado o livro ou Ele tinha pego o livro?"

Há, na verdade, um jogo dialético na mutação linguística que não pode ser analisada pela atividade estruturalista. Ferdinand de Saussure reconheceu que a mutabilidade da língua é uma constante, mas prefere renunciar ao seu exame, embora soubesse da necessidade de fazê-lo, uma vez que as causas dessa mutabilidade não estão, a priori, ao alcance do observador. Entretanto, desde o aparecimento do Curso de *Linguística Geral* até as últimas renovações dos modelos gerativos, a mutação linguística não é matéria de estudos dos estruturalistas. Porém, é característica da língua a instabilidade, sendo que o sistema apresenta diferenças estruturais, elementos periféricos em concorrência àqueles já consagrados como pertinentes ao sistema, num jogo dialético incessante.

Dessa forma, o estruturalismo parece um monólogo com caráter científico e a ciência linguística, hoje, é apenas uma visão estanque da língua. E, parece-nos como ao historiador tcheco Peisket<sup>7</sup>, do século XIX, que não fazemos ciência.

mas produzimos uma série de monólogos. E, é ainda como outro tcheco, Klácel, 8 que repetimos que a verdadeira compreensão só é alcançada quando os conhecimentos parciais são referidos ao todo, e que o verdadeiro caminho da ciência da língua é a fusão da análise e da síntese. Jakobson também mostrou que a evolução da língua só pode ser devidamente interpretada se for concebida como "a evolução de um sistema total dentro do qual as relações dos elementos que o compõem sejam freqüentemente transformadas e/ou substituídas por outras relações. O objetivo principal destas transformações é *manter ou restabelecer* o equilíbrio do sistema lingüístico, isto é, a transformação em si mesma". 9

Relegada ao plano do incognoscível, a mudança lingüística não é matéria de estudo, sendo a chamada diacronia, entre nós, a história da língua portuguesa, do latim vulgar ao português, a evolução de fenômenos fonéticos, morfológicos ou sintáticos daquele para este. Desta forma, tanto o estruturalismo taxonômico como o neo-estruturalismo chomskyano fundam-se no estudo da língua de si per si, imbuídos no espírito positivo, que afasta o estudo das causas de mudanças como não passíveis de formalização ou de verificação empírica. Assim, a mudança lingüística e o uso cotidiano da língua desvinculam-se dos fatos concretos sociais, circunscrevem-se unicamente à estrutura abstrata destas variáveis. Uma lingüística assim fundamentada não dá ao estudante azo crítico, como observa Ducrot, e pouco contribui para a compreensão da língua como fenômeno cultural e social, convertendo-se o formal no conteúdo da língua, tal como preconiza Saussure: a língua é forma e não substância.

Diante dos limites formais dos métodos lingüísticos, como poderão nossos alunos dos cursos de Licenciatura em Letras entender o caráter social altamente diversificado da língua em um país com tantas contradições sócio-culturais? E, se ao menos for guiado pela intenção, o que fará com esta se não saberá orientá-la metodologicamente para o estudo de fatos sociolingüísticos?

Enfim, todo o peso que a atividade estruturalista teria no ensino de língua esbarra nas limitações do método o qual se fundamenta e se circunscreve ao estudo da estrutura pela estrutura. A língua torna-se uma estrutura abstrata dos contextos históricos e sociais. O ensino da língua assim entendida não contribui para a "consciência lingüística" que é a compreensão:

1) de que nenhuma língua não é um sistema perfeitamente estável, apresentando sempre elementos estruturais em variação;

2) de que a língua é expressão social e que assim e somente assim, se concretiza através da fala dos indivíduos;

3) de que a mutação da estrutura está diretamente relacionada à estrutura sociológica da coletividade e intencionalidade expressiva do falante e tem o caráter teológico de reequilíbrio do sistema;

4) de que a língua é um fenômeno também psíquico e relaciona-se aos mecanismos que presidem à aquisição e ao desenvolvimento da linguagem.

Sem a compreensão teórica e prática das teorias sociolingüísticas e psicolingüísticas e da lógica dialética, aplicadas aos fenômenos lingüísticos, o aluno do curso de Letras jamais será o professor de Língua Portuguesa, instrumentalizado para ensinar a ler e escrever.

Os caminhos a serem seguidos para o desenvolvimento de uma consciência lingüística vão desde a inclusão dos currículos dos Cursos de disciplinas como: Sociolingüística, Psicolingüística, Lógica Dialética, até incentivo de programas de cursos livres que fomentem a discussão da linguagem como fenômeno social e que levem o estudante a identificar as diferenças dialetais, no âmbito da Universidade e das escolas em que atuarão futuramente como professores. Estes programas deverão basear-se em resultados de pesquisas que identifiquem dialetos sociais na Universidade e nas escolas de 1º e 2º graus.

Os programas de todas as disciplinas lingüísticas deverão voltar-se para o questionamento constante dos postulados científicos da lingüística pura, confrontando-os com conhecimentos sociolingüísticos e psicolingüísticos mais recentes, tendo em vista a compreensão da língua como fenômeno psicossocial, para enriquecimento interdisciplinar e formação da "consciência lingüística."

Sobretudo o professor universitário tem de fazer acreditar que a pesquisa lingüística é tão importante quanto qualquer pesquisa tecnológica e reivindicar as condições sociais e as econômicas necessárias aos financiamentos na Universidade. Essas pesquisas não terão fim em si mesmas, mas servirão ao desenvolvimento do espírito crítico e dos postulados da ciência lingüística, produzindo novos conhecimentos, se não, teremos de repetir a Peisker, com o mesmo espanto!

## NOTAS

1. José Ribeiro DAMASCENO. *Introdução ao estruturalismo em lingüística*, p. 25.
2. Apud DAMASCENO, p. 28.
3. Descartes, Apud CHOMSKY, p. 13 - 41.
4. Dwight Whitney, apud DAMASCENO, p. 45.
5. Augusto Comte, apud COUTINHO, p. 41.
6. Emile Durkheim, apud COUTINHO, p. 41.
7. Peisker, apud TOLEDO e outros, p. 20.
8. Klácel, apud TOLEDO e outros, p. 24 e p. 341.
9. Jakobson, apud HOLENSTEIN, p. 21.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APRESJAN, J.D. *Idéias e métodos da lingüística estrutural contemporânea*. [Idei i metody sovremennoj strukturoj lingvistiki; Kratkij očerok] Trad. Lucy Seki. São Paulo, Cultrix, 1980. 297p.
- AUZIAS, Jean Marie. *Chaves do estruturalismo*. [Clef pour le structuralisme] Trad. Natanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972. 152p.
- CHOMSKY, Noam. *Lingüística Cartesiana*. Trad. Francisco M. Guimarães. Petrópolis, Vozes, 1972. 117p.

- COUTINHO, Carlos Nelson. *Estruturalismo e miséria da razão*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972. 224p.
- DAMASCENO, José Ribeiro. *Introdução ao estruturalismo em lingüística*. Petrópolis, Vozes, 1977. 123p.
- DUCROT, Osewald. *Estruturalismo e lingüística*. [Le structuralisme en linguistique] Trad. José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1970. 146p.
- HOLENSTEIN, Elmar. *Jakobson; o estruturalismo fenomenológico*. [JAKOBSON-le structuralisme phénoménologique]. Trad. Antônio Gonçalves. Lisboa, Editora Vega, [s.d.]. 274p.
- JAKOBSON, Roman Assipovitch. A Escola lingüística de Praga. In; TOLEDO, Dionísio (organizador) *Círculo lingüístico de Praga; estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre, Globo, 1978. p.20-9.
- SAUSSURE, Ferdinand de *Curso de lingüística geral*. [Cours de linguistique générale] 2. ed. Trad. Antônio Cheleni et alii. São Paulo, Cultrix, 1970. 279p.
- TRIAS et alii. *Estructuralismo y marxismo*. Barcelona, Martinez Roca, 1969. 285p.